

ELEIÇÕES DIOCESANAS — 1986

De acordo com o Regimento para as Eleições (1986), publicado no Boletim Diocesano 208/209 (maio/junho 86), realizaram-se as eleições diocesanas, nos dias 07 e 17 de junho.

01 — ELEIÇÕES DO DIA 07 DE JUNHO

Tratava-se de eleger vigário-geral e pró-vigário-geral, coordenador e vice-coordenador diocesano de Pastoral e cinco membros do Conselho Presbiteral.

Às 09h17 reuniu-se o Grêmio Eleitoral, no Centro de Formação de Líderes. A coordenação dos trabalhos coube à mesa formada pelo bispo diocesano, pelo vigário-geral P. Mateus Vivalda e pelo coordenador diocesano de Pastoral P. Bernardo Colombe. Logo de início foram nomeados a profª Sada Baroud David para secretária geral, o P. Pascoal Grossi e Clara Cocca, para secretários auxiliares.

A Assembléia começou com um cântico, seguido de uma leitura bíblica que foi comentada por três membros do Grêmio Eleitoral. Dom Adriano lembrou alguns pontos do Regimento, o objetivo da Assembléia, e deu alguns avisos para o bom andamento das eleições.

Foram colocadas quatro urnas, sendo destinadas para os eleitores de acordo com a ordem alfabética. Para presidentes foram nomeados:

- Urna 1 — Irmã Ana Clara e Bráulio
- Urna 2 — Irmã Fernanda e diácono Gilberto
- Urna 3 — Fr. Mauro e Irmã Nives
- Urna 4 — P. Patrício e Irmã Rosa.

E para escrutinadores:

- Urna 1 — Irmã Natércia e Irmã Tânia
- Urna 2 — Benedito e Alcebiades
- Urna 3 — Sandoval e Barcelos
- Urna 4 — Maria e Luís.

a) Eleição para vigário-geral

Estavam presentes 141 eleitores, sendo 72 a maioria absoluta. Eram candidatos: P. Agostinho Pretto, P. Bartolomeu Berfese, P. Luís Costanzo Bruno e Fr. Atamil Vicente de Campos OFM. Feita a votação, tiveram:

P. Agostinho	86	votos
P. Bartolomeu	18	"
P. Bruno	18	"
Fr. Atamil	18	"
voto nulo	01	"
	<hr/>	
	141	"

Foi eleito vigário-geral o P. Agostinho Pretto, pároco da Catedral.

b) Eleição para pró-vigário-geral

Estavam presentes 140 eleitores, sendo 71 a maioria absoluta. Eram candidatos Bergese. P. Luís Costanzo Bruno e Fr. Atamil Vicente de Campos. Fez-se a votação e receberam:

P. Bartolomeu	95	votos
P. Bruno	20	"
Fr. Atamil	16	"
	<hr/>	
	140	"

Foi eleito pró-vigário-geral o P. Bartolomeu Bergese, pároco de Santa Rita, do Cruzeiro do Sul.

c) Eleição para coordenador diocesano de Pastoral

Presentes 141 eleitores, foram apresentados os candidatos: P. Renato Stormacq, Fr. Atamil Vicente de Campos OFM, Fr. Mauro Negretti Garcia OFM e P. Renato Chiera. Resultado da votação:

P. Renato Stormacq	77	votos
Fr. Atamil	20	"
Fr. Mauro	15	"
P. Renato Chiera	26	"
votos nulos	03	"
	<hr/>	
	141	"

Foi eleito coordenador diocesano de Pastoral o P. Renato Stormacq CICM, pároco de Austin.

d) Eleição para vice-coordenador diocesano de Pastoral

Estavam presentes 139 eleitores, sendo 70 a maioria absoluta. Eram candidatos: Fr. Atamil Vicente de Campos OFM, Fr. Mauro Negretti Garcia OFM e P. Renato Chiera. Obtiveram votos:

Fr. Atamil	46	votos
Fr. Mauro	43	"
P. Renato	49	"
voto nulo	01	"
	<hr/>	
	139	"

Nenhum candidato obteve a maioria absoluta.

— 2º escrutínio

Presentes 133 eleitores. Maioria absoluta: 67 votos. O resultado foi o seguinte:

Fr. Atamil	42	votos
Fr. Mauro	45	"
P. Renato	45	"
voto nulo	01	"
	<hr/>	
	133	"

Nenhum candidato obteve a maioria absoluta.

— 3º escrutínio

Presentes 123 eleitores. No 3º escrutínio será eleito quem obtiver maioria relativa (o mais votado). Este foi o resultado das urnas:

Fr. Atamil	36	votos
Fr. Mauro	53	"
P. Renato	33	"
voto nulo	01	"
	<hr/>	
	123	"

Fr. Mauro Negretti Garcia OFM foi eleito vice-coordenador diocesano de Pastoral; (Fr. Mauro é cooperador na paróquia de N. Sra. da Conceição de Nilópolis).

e) Eleição para o Conselho Presbiteral (cinco membros)

— 1º escrutínio

Estavam presentes 132 votantes, sendo a maioria absoluta de 67 votos. Cada eleitor podia votar em

cinco nomes. Candidatos: P. Fernando Vandena-beele CICM, P. Marcus Barbosa Guimarães, P. Ivo Plunian, P. Nino Miraldi, P. Salvador Saint-Martin dit Martinon, P. Terésio Rinaldo, P. Renato Chiera, Fr. Luís Thomaz OFM, P. Luís Costanzo Bruno, Fr. Atamil Vicente de Campos OFM. Resultado:

P. Fernando	88	votos
P. Marcus	94	"
P. Ivo	71	"
P. Nino	55	"
P. Salvador	50	"
P. Terésio	52	"
P. Renato	68	"
Fr. Luís	29	"
P. Bruno	60	"
Fr. Atamil	52	"
votos em branco	41	"

660 "

Saíram eleitos membros do Conselho Presbiteral: P. Marcus Barbosa Guimarães, pároco de Rocha Sobrinho; P. Fernando Vandena-beele CICM, cooperador de Comendador Soares; P. Ivo Plunian AA, diretor da Casa de Oração; e P. Renato Chiera, pároco de Miguel Couto.

— 2º escrutínio

Estavam presentes 132 eleitores. Os candidatos eram os mesmos que sobraram do 1º escrutínio. Maioria absoluta: 67 votos. Resultado:

P. Nino	22	votos
P. Salvador	10	"
P. Terésio	31	"
Fr. Luís	01	"
P. Bruno	40	"
Fr. Atamil	24	"
votos nulos	04	"

132 "

Nenhum candidato obteve a maioria absoluta.

— 3º escrutínio

Eram 131 votantes e os mesmos candidatos. Para eleição bastaria a maioria relativa de votos. Resultado:

P. Nino	13	votos
P. Salvador	06	"
P. Terésio	29	"
P. Bruno	57	"
Fr. Atamil	25	"
voto nulo	01	"

131 "

Foi eleito o P. Luís Costanzo Bruno, pároco do Lote XV.

* * *

Encerradas as eleições que correram sem qualquer perturbação, Dom Adriano nomeou e empossou o vigário-geral P. Agostinho, o pró-vigário-geral P. Bartolomeu, o coordenador diocesano de Pastoral P. Renato e o vice-coordenador diocesano de Pastoral Fr. Mauro Negretti Garcia OFM.

Em seguida o bispo diocesano agradeceu a colaboração do P. Mateus, vigário-geral, e do P. Bernardo, coordenador diocesano de Pastoral, e de todos que formavam o antigo Conselho Diocesano; agradeceu ainda aos membros do Grêmio Eleitoral o sacrifício deste dia: "Democracia é exercício de paciência". Por fim convidou todo o Conselho Diocesano, que encerrou o seu serviço, e o Conselho Presbiteral, recém-eleito, para a reunião conjunta, no dia 24, na Casa de Oração, com o almoço de confraternização. As 12h50 encerraram-se os trabalhos.

Prof. Sada Baroud David, secretária

02 — ELEIÇÕES DO DIA 17 DE JUNHO

Deviam ser eleitos os cinco membros do Conselho Presbiteral (a terça parte) que, segundo o CDC

497-499) cabe ao presbitério eleger e os dois suplentes. Isso aconteceu no dia 17 de junho na reunião mensal do clero.

a) Eleição dos cinco membros do Conselho Presbiteral

— 1º escrutínio

Estavam presentes 32 eleitores, sendo 17 votos a maioria absoluta. O resultado foi o seguinte:

14	votos	P. Nino
12	"	P. Edmilson
11	"	P. Sebastião
10	"	Fr. Atamil
09	"	P. Jacinto, P. João Doyle, P. Terésio
08	"	P. Mateus
07	"	P. Humberto, Fr. Luís, Fr. Sérgio
06	"	P. Marcos Ockerman
05	"	P. Patrício
04	"	P. Cláudio, P. Geraldo, P. Salvador
03	"	P. Angel Vidal, P. Bernardo, P. Clínio, P. Maurício, P. Pedro Alexandre
02	"	P. Carlos, Fr. Elpidio, P. Jerry, P. José Losciale, P. Laurindo, P. Porfirio
01	voto	P. Gabriel, Fr. Harley, P. José F. Sá, P. Manuel Monteiro, P. Pascoal, P. Rodolfo
01	voto	em branco.

Nenhum candidato obteve a maioria absoluta de 17 votos.

— 2º escrutínio

Presentes 32 eleitores. Maioria absoluta: 17 votos. Resultado:

26	votos	P. Edmilson
22	"	P. Sebastião
19	"	Fr. Atamil
18	"	P. Nino
10	"	P. Jacinto, P. João Doyle
09	"	P. Terésio
08	"	Fr. Sérgio
06	"	Fr. Luís, P. Marcos Ockerman
03	"	P. Bernardo, P. Humberto, P. Patrício
02	"	P. Cláudio, P. Clínio, P. José Losciale, P. Salvador
01	"	P. Angel Vidal, P. Carlos, Fr. Elpidio, P. Geraldo, P. Laurindo, P. Mateus, P. Maurício, P. Pedro Alexandre
01	"	em branco.

Saíram, portanto, eleitos no 2º escrutínio: P. Edmilson, cooperador de Olinda; P. Sebastião, pároco de Belford Roxo, S. Sebastião; Fr. Atamil, pároco de Nilópolis, N. Sra. Aparecida e P. Nino, pároco de Nova Iguaçu, S. José Operário.

— 3º escrutínio

Presentes os mesmos 32 eleitores, era exigida somente a maioria relativa. Resultado:

11	votos	P. Jacinto
10	"	P. João Doyle
04	"	P. Terésio
03	"	Fr. Sérgio
01	"	P. Cláudio, P. Marcos Ockerman, P. Maurício, P. Salvador

Saiu eleito o P. Jacinto Miconi, pároco de Mesquita.

Foram realizadas ainda duas votações, com os mesmos 32 eleitores.

b) Eleição dos suplentes

Houve dois escrutínios.

— 1º escrutínio

Presentes: 32 eleitores. Maioria absoluta: 17. Resultado:

22	votos	P. João Doyle
15	"	P. Terésio
10	"	Fr. Sérgio

- 03 " P. Humberto, P. Salvador
 02 " Fr. Luís, P. Marcos Ockerman
 01 " P. Bernardo, P. Cláudio, P. Geraldo, P. José Loscial
 02 " nulos
 01 " em branco

Saiu eleito primeiro suplente P. João Doyle, pároco do Bairro da Luz.

— 2º escrutínio

Presentes: 32 eleitores. Maioria absoluta: 17. Resultado:

- 21 votos P. Terêso
 06 " Fr. Sérgio
 03 " P. Salvador
 02 " nulos

Saiu eleito segundo suplente P. Terêso Rinaldi, cooperador da paróquia de Cruzeiro do Sul.

Fr. Sérgio

CÚRIA DIOCESANA

Comunicado 02/86 — Conselho Presbiteral 1986-1989. Em face das eleições diocesanas realizadas nos dias 07 e 17 de junho passados, de acordo com as normas do Direito Canônico e do Direito particular da Diocese de Nova Iguaçu, o bispo diocesano aprovou e nomeou os candidatos eleitos para o Conselho Presbiteral, no período de 1986 a 1989. O Conselho Presbiteral fica assim constituído:

- bispo diocesano
- vigário-geral: P. Agostinho Pretto
- pró-vigário-geral: P. Bartolomeu Bergese CEIAL
- coordenador diocesano de Pastoral: P. Renato Stormacq CICM
- vice-coordenador diocesano de Pastoral: Fr. Mauro Negretti Garcia OFM
- reitor do Seminário Diocesano: P. Paulo Muller CICM
- Fr. Atamil Vicente de Campos OFM
- P. Edmilson da Silva Figueiredo
- P. Fernando Vandenabeele CICM
- P. Ivo Plunian AA
- P. Jacinto Miconi CEIAL
- P. Luís Costanzo Bruno CEIAL
- P. Marcus Barbosa Guimarães
- P. Nino Miraldi CEIAL
- P. Renato Chiera CEIAL
- P. Sebastião Lima

Suplentes: P. João Doyle CSSp e P. Terêso Rinaldi CEIAL.
 Nova Iguaçu, 23 de junho de 1986.

AVISOS

Aviso 21/86 — Viagens: Em viagem de férias ou em gozo de um ano sabático ausentaram-se da diocese os seguintes padres: P. Bartolomeu Bergese CEIAL, pró-vigário-geral; P. Eduardo Nealon CSSp, pároco de Paracambi; P. Guilherme Steenhower SSCC, pároco do Parque Flora; P. João Fitzpatrick CSSp, pároco do Bairro da Luz; P. José Fernandes Coujil, pároco de N. Sra. de Fátima, Queimados; P. Pedro Geurts CICM, pároco do Riachão. A todos feliz viagem e feliz regresso.

Aviso 22/86 — Despedidas: Deixaram a Diocese de Nova Iguaçu, para trabalharem em novo campo de atividade pastoral, Fr. José Pereira OFM, pároco de N. Sra. da Conceição, Nilópolis; P. Nereu Meirelles Silveira, diretor de estudos do Seminário Diocesano; P. Tiago Gózik SVD, pároco de Laje da Cenrntal. Todos trabalharam durante muitos anos em nossa diocese, com exemplar zelo apostólico. Sentimos que se afastem. Mas guardamos de todos

uma grata recordação. Nós os acompanhamos com nossas orações e nosso reconhecimento pelo muito que fizeram ao Povo da Baixada Fluminense.

Aviso 23/86 — Novos membros do presbitério: Vieram trabalhar conosco P. João Doyle CSSp que fica no Bairro da Luz, como pároco, em substituição do P. João Fitzpatrick; P. Marcus Ockerman, que substitui o P. Pedro Geurts CICM, como pároco do Riachão; e Fr. Aldolino Bankardt OFM, como pároco de Nilópolis-Conceição, em lugar de Fr. José Pereira. Aos confrades que chegam nosso acolhimento fraterno e bons desejos de atuação pastoral na querida e sofrida Baixada Fluminense.

Aviso 24/86 — Sugestões para o Projeto III: O Projeto II, que tanto bem fez às nossas comunidades sobretudo no que diz respeito à aquisição de terrenos e construção de centros comunitários, termina em agosto próximo. Há perspectivas de criar-se um Projeto III. Baseados nas experiências pastorais que temos feito nos anos passados e também nas vantagens dos Projetos I (1980-1983) e II (1983-1986), seria bom se pudéssemos oferecer sugestões práticas, de ordem geral, para serem apresentadas pelo bispo diocesano à entidade responsável que é a Zentralstelle für Entwicklungshilfe e.V., junto à Misereor (Aachen, Alemanha). Há urgência em remeter durante o mês de julho as sugestões para o Projeto III. Por isto pedimos a todos os interessados que apresentem quanto antes suas propostas concretas. — Cúria Diocesana, 23-06-86.

CRÔNICA

27-05 — O *Superintendente do INCRA* no Estado do Rio visita a Caritas Diocesana, para tratar de um possível convênio visando à preparação de pessoas das comunidades diocesanas que possam colaborar no combate à epidemia de dengue. No Centro de Formação.

29-05 — Visita a diocese o *Ministro da Saúde Roberto Santos* estabelecendo contactos com o bispo diocesano e com a Caritas diocesana. Várias pessoas das comunidades tomaram parte na conversa, apresentando problemas e reivindicações da Baixada Fluminense. No Centro de Formação. — Às 18h30 S. Missa e depois procissão do SSmo. Sacramento pelas ruas da cidade.

31-05 — Reunião da Comissão Diocesana de Missões, Vocações e Ministérios para fazer uma avaliação sobre os *ministérios* confiados aos leigos, em nossa diocese, desde o ano passado. No CEPAL.
 03-06 — *Reunião mensal da Pastoral.* O vigário-geral faz uma apresentação do que é um Sínodo Diocesano, segundo o direito canônico, para a vida da diocese.

04-06 — Acompanhado de membros da Caritas Diocesana e da Comissão Diocesana de Pastoral da Terra, Dom Adriano visitou as chamadas "*terras da santa*", bens que passaram da extinta Irmandade de N. Sra. do Rosário, da Vila de Cava, para a Diocese de Nova Iguaçu. A visita tinha por objetivo conversar com os moradores, assegurando-lhes o interesse da diocese em passar as terras para os posseiros, após um levantamento feito pelo INCRA.

07-06 — Realizaram-se no Centro de Formação as *eleições diocesanas* de nossa diocese. Era a etapa 03: o grêmio eleitoral, presentes cerca de 140 eleitores, elegeu o vigário-geral e o pró-vigário-geral, o coordenador e o vice-coordenador diocesano de Pastoral e mais cinco membros do Conselho Presbiteral. A crônica da eleição está neste número do BD.

07-06 — O *Ministro da Previdência Social* visita a Diocese de Nova Iguaçu escutando as vozes da Caritas Diocesana, dos líderes das comunidades, de modo particular do Movimento de Amigos do

Bairro (MAB) sobre a situação calamitosa da saúde e da previdência na Baixada Fluminense. Houve da parte do Ministro Rafael Magalhães de Azevedo muito interesse, prometendo empenhar-se com o Ministro da Saúde para realizar um plano global que envolva a área da saúde em toda a Baixada Fluminense.

08-06 — O bispo diocesano celebra a S. Missa na comunidade de *Nova Era*, paróquia do Riachão, às 10h00, e às 19h00 S. Missa de Crisma na matriz de N. Sra. das Graças, de *Mesquita*.

13-06 — *Solenidade de S. Antônio*, padroeiro da Catedral e da Diocese, patrono também da cidade e do município de Nova Iguaçu. O bispo diocesano

concelebrou com o presbitério e grande representação do Povo. Ao meio-dia houve o almoço de confraternização para os agentes de Pastoral, no Centro de Formação. A festa popular que dura até o próximo domingo mostra, sempre de novo, a precariedade de espaço, pois ocupa justamente a rua mais movimentada da cidade — a rua Floriano Peixoto.

15-06 — *Festa externa de S. Antônio*, com S. Missa celebrada às 10h00 pelo bispo diocesano. As 16h00 procissão de S. Antônio e, no encerramento, S. Missa na frente da Catedral para a grande multidão espalhada pelas ruas anexas.

DEPOIS DA VISITA «AD LIMINA» (continuação)

07 — A Folha: A que o senhor atribui essa resistência tenaz contra a ordenação de homens casados, nos lugares onde este segundo tipo de padre fosse a solução para a Pastoral?

— Dom Adriano: Não duvido da boa intenção e da seriedade daqueles que se opõem à ordenação de homens casados. Mas creio que cometem um erro grave de visão pastoral: exaltam tanto o celibato que o transformam num quase valor supremo, numa ideologia. A partir daí perdem a sensibilidade para o sofrimento do Povo de Deus que (já por mais de cem anos) se sente abandonado pela Igreja. Creio que o desejo da Eucaristia e por isso do padre como aparece tantas vezes em nosso Povo da Baixada (suponho que o mesmo acontece em outras áreas do Brasil) demonstra claramente a intuição teológica do Povo de Deus. O Povo de Deus quer a Eucaristia, sabe intuitivamente que é pela Eucaristia, em primeiro lugar, que se distingue a comunidade católica da comunidade protestante. O nosso Povo não se conforma com a celebração da Palavra de Deus somente. Quer também a celebração eucarística. Por isso mesmo a solução de ordenar diáconos, para administrarem os sacramentos e pregarem a palavra de Deus é uma solução falha: os diáconos não podem celebrar a S. Missa. Quando na D-NI se pensou na formação e ordenação de diáconos, a intenção era usar essa porta aberta pelo Vaticano II para chegarmos, um dia (se Deus quiser, um dia próximo), em que poderão ser ordenados padres homens casados. Certamente não se trata de ordenar jovens maridos, sem a necessária estabilidade familiar. Queremos ordenar padres homens casados que têm uma vivência longa de trabalhos pastorais, que têm a preparação fundamental suficiente, que estão ligados à comunidade local, que já resolveram seus problemas familiares.

08 — A Folha: Mas defendendo a ordenação de homens casados o senhor não se opõe à orientação da Congregação e também à orientação do Papa?

— Dom Adriano: O Santo Padre sabe que, na Igreja Católica Oriental, somente os padres religiosos são celibatários. Os padres seculares casam-se antes para receberem o sacerdócio depois. O S. Padre sabe que a salvação do Povo de Deus — “salus populi”, “bonum populi”, a que se referem os documentos conciliares e também o novo Código do Direito Canônico — está muito acima do celibato. É claro que uma tradição multissecular não poderá ser modificada de repente. Que uma disciplina que deu tantos frutos à Igreja, não pode ser modificada de um dia para o outro. Pede, exige tempo, reflexão mais amadurecida. É certo também que nem eu nem os outros bispos que postulam a ordenação de homens casados jamais ordenaríamos um homem casado contra a decisão do Papa, sem a auto-

ridade do Papa, sem a união com os bispos do Colégio Apostólico. Não posso nunca imaginar o que me sugeria um teólogo amigo: Se você está convicto da necessidade, então ordene homens casados mesmo sem o Papa. Não, não posso fazer isto: minha ligação profunda com o Papa, com o episcopado, com o presbitério, com o Povo de Deus nunca me levará a ordenar homens casados fora do contexto maior de Igreja universal. Por isto mesmo lamento mais dolorosamente o fato de que nem todos os bispos tenham sensibilidade para a sorte de nossos irmãos abandonados e marginalizados.

09 — A Folha: Sobre este assunto, que o senhor julga tão importante — ordenação de homens casados —, o senhor falou também com o Santo Padre?

— Dom Adriano: Falei na audiência particular no dia 28 de fevereiro. Sabendo que o Papa, em princípio, é contra a ordenação de homens casados, pedi a muitas de nossas comunidades durante a visita pastoral de 1985 que rezassem por mim e pelo Papa, para que eu tivesse a coragem pastoral de expor-lhe o assunto e para que ele tivesse a paciência cristã de escutar-me. E assim sucedeu. A conversa sobre a situação pastoral de nossa diocese, os problemas pastorais mais difíceis, a falta de clero, o abandono do Povo, o amor do Povo ao padre, à S. Missa e à Igreja, a esperança que o Povo põe na Igreja que é a única instituição preocupada com a sorte do Povo, a doação integral dos padres ao seu ministério, a presença de religiosas nas paróquias e nos mais diversos trabalhos pastorais, a excelente e numerosa participação dos leigos na vida interna e externa da Igreja, a próxima inauguração do Seminário Diocesano Paulo VI aberto a várias dioceses, mas também a multiplicação de grupos religiosos os mais diversos que ocupam os espaços vazios deixados por nossa Igreja — nessa altura mostrei ao Papa dois mapas religiosos um da paróquia da Catedral e outro da paróquia do Riachão —, o problema da falta de clero no Brasil inteiro, apesar do aumento de vocações nos últimos tempos — tudo isto levou muito naturalmente ao meu pedido: “Santo Padre, humildemente peço ao senhor, olhe o bem do Povo de Deus, olhe o sofrimento secular deste Povo e pense na possibilidade de ordenar os chamados “viri probati” — homens casados, dentro de condições particulares das diversas Igrejas particulares”. O S. Padre ouviu-me com atenção e benevolência, sem qualquer sinal de contrariedade, para dizer (quando estava dado o sinal de encerramento da audiência de quinze minutos): “Este é um problema grave que merece ser refletido por todo o episcopado”. Para mim não ficou claro se o Papa com a expressão “todo episcopado” pensava no episcopado brasileiro ou, com maior probabilidade, no episcopado da Igreja universal.

10 — A Folha: Com esta atitude do Papa o senhor tem esperança de que um dia, em futuro próximo, seja permitida a ordenação de homens casados?

— Dom Adriano: A conversa foi a que tentei resumir antes. Como sou por temperamento e também por motivo de Fé um cristão marcado de esperança, creio que também neste caso devo ter esperança. Para o S. Padre que vem de uma nação tradicionalmente muito rica de vocações religiosas e sacerdotais — a média de padres na Polônia é 1 para 300 fiéis —, será um tanto difícil de compreender a situação de países como o Brasil, onde a falta de padres é mais do que centenária. Sofremos a falta de padres por mais de um século já. Todas as tentativas de sanar essa falha, não trouxeram solução ao problema. Desde a separação entre a Igreja e o Estado (Constituição republicana de 1891) vieram grandes levas de missionários europeus padres seculares e ordens religiosas: deram uma ajuda excelente, que ainda perdura, mas o problema como tal continua o mesmo; intensificaram-se as vocações sacerdotais nas dioceses e nas congregações religiosas: o problema ficou quase o mesmo. A partir de João XXIII começaram as levas dos chamados “padres fidei donum”: padres seculares que vinham de suas dioceses para ajudar temporariamente nossas comunidades. Foi também uma excelente contribuição, mas o problema continua desafiando-nos. Diante de tantos fatos, por que não tentar este segundo tipo de sacerdócio pela ordenação de homens casados? Repito que não penso em abolir o celibato clerical: continuaríamos tendo os nossos padres de agora que não são casados. Mas a eles que são poucos juntaríamos o segundo tipo: homens casados, onde a necessidade fosse imperiosa. Como o S. Padre é sensível à situação difícil do nosso país e da América Latina em geral — o continente católico por excelência —, creio que aos poucos se sensibilizará para o nosso sofrimento. Tive, na audiência, ensejo de mostrar dois mapas religiosos de Nova Iguaçu, como disse anteriormente. Mapas religiosos: demonstração dos “sinais” — igrejas, capelas, colégios, comunidades eclesiais de base, centros etc. — da nossa Igreja Católica e, globalmente, das outras denominações religiosas. No mapa da paróquia da Catedral que sempre desde os tempos do santo P. João Müsch foi muito bem assistida, há oito sinais de Igreja Católica (11,76%) para 60 de outras formas religiosas (88,24%) com predominância da Umbanda. Na paróquia do Riachão, que foi vítima de circunstâncias muito particulares, a proporção é: para 10 sinais de Igreja Católica 205 sinais de outras formas religiosas não católicas. (4,65% x 95,35%). Parece-me que tal situação, aproximadamente, se encontra nas outras paróquias de nossa diocese e também nas dioceses de periferia e, talvez, também nas dioceses que englobam cidades grandes (Rio, São Paulo, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre etc.). O S. Padre olhou estes mapas demoradamente e ficou muito impressionado, abanando a cabeça e murmurando: “Maior país católico do mundo...” Creio que se muitos bispos levassem estes e dados semelhantes ao Papa e tivessem a coragem apostólica de dizer ao S. Padre o que é o sofrimento do Povo de Deus, sem disfarces, sem autocomplacência, sem auto-sugestão, sem procurarem dizer o que agrada o S. Padre, seria para ele muito mais fácil descobrir fórmulas novas para dificuldades velhas que não se resolvem com as fórmulas tradicionais. O Papa depende muito de nós, bispos da periferia do mundo, bispos do Terceiro Mundo, bispos da América Latina, para compreender plenamente a nossa situação, a situação do mundo não-europeu. Nós bispos do Brasil somos gratos à Europa pelo que nos tem dado, tanto no que diz respeito à cultura em geral como no que toca à Igreja em particular. Basta pensar na multidão imensa de missionários, zelosos, piedosos, santos, dedicados ao Povo de Deus, que nos vieram no último século. Que seria de nós sem eles. Mas

não podemos deixar de lamentar a marca demasiadamente europeia de nossa Igreja Católica: na disciplina, na Liturgia, na formação, na organização. A Igreja que soube sair do estreito gueto judeu nos primeiros séculos de sua existência, não soube universalizar-se aceitando, como elementos existenciais, a contribuição dos Povos não-europeus que missionou. Em última análise toda a polêmica em torno da Teologia da Libertação é a incapacidade da Teologia europeia — que se absolutizou como se fosse única possibilidade teológica e que na sua absolutização europeia parou no tempo —, sim, a incapacidade da Teologia europeia de assimilar dados novos, contribuições novas vindas de fora da Europa. Porque, pensando bem, o essencial da Teologia da Libertação — uma Teologia voltada para o Povo e capaz de identificar-se com o Povo — é também a grande causa do Evangelho de Jesus Cristo. Daí por que no final de minha intervenção na Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino, de que é Prefeito o Cardeal Mayer, eu podia dizer com plena convicção: “No dia em que na Europa houver uma falta de padre como existe no Brasil há cem anos, os senhores aceitarão a ordenação de homens casados”.

11 — A Folha: Mas o senhor não acha que, falando assim, pode prejudicar a sua tese da ordenação de homens casados?

— Dom Adriano: Pode ser. Mas creio que as circunstâncias pediam um pouco de veemência e exigiam a franqueza profética de um bispo da periferia que sofre intensamente com o sofrimento do Povo, que escuta os pedidos angustiados dos fiéis: “Dom Adriano mande um padre para a gente, nossa comunidade quer a Missa todos os domingos”; que se bate por resolver os problemas dentro das normas oficiais, que ama a Igreja e o S. Padre, que deste amor à Igreja e ao Povo de Deus tira sua criatividade pastoral. E não pode fazer nada. Peço a Deus que um grande número de bispos que vivem e trabalham na periferia do mundo, como é o caso da América Latina em geral, saibam sentir em profundidade o sofrimento do Povo, se dispam de sua camada europeizada, deixem falar melhor o coração e por isto saibam apresentar com franqueza e humildade propostas novas e concretas àquele que é o sinal da unidade visível da Igreja: o Santo Padre. Sim, o Santo Padre depende muito de nós, de nossa franqueza, de nossa coragem, de nossa veracidade, de nossa identificação com o Povo de nossas dioceses, para compreender o que está acontecendo na Igreja. Estou que é um lamentável desserviço ao Papa querer expor-lhe apenas o que ele gostaria de ouvir ou o que corresponde exatamente ao pensamento e às orientações das diversas Congregações. Antes da visita “ad limina” eu pensava que um dos aspectos mais positivos da visita era podermos levar para o centro da Igreja Católica que é Roma, as vivências, as experiências, as necessidades, os sofrimentos, as angústias, as alegrias das nossas Igrejas particulares, tudo isto como fonte de informação, como sugestão, como inspiração, como enriquecimento da Igreja-Mãe, um enriquecimento que a fará mais capaz de ser universal, portanto verdadeiramente católica. Infelizmente nem todos os organismos romanos correspondem a essa, ao meu ver, clara posição. Várias delas entendem-se como guardiãs da unidade total, melhor: da uniformidade, já que são dominadas pelo pensamento — diria quase pela “ideologia” — da unidade que é uniformidade, que é despersonalização das Igrejas particulares e portanto empobrecimento da Igreja universal. Dizendo isto, não perco nem meu respeito nem minha simpatia pelo trabalho intenso que cabe a cada Congregação, Secretariado, Conselho etc. realizar para o bem da Igreja. O que eu pretendo é animar meus irmãos que de longe vão a Roma a levar para a Cidade Eterna um pouco da temporalidade do mundo em que vivemos, do mundo fugaz, desafiador que não nos permite repousar e descan-

sar tranqüilos, simplesmente porque de Roma vieram leis e normas e orientações. A unidade essencial da Igreja supõe a diversidade, exige a diversidade, vê na diversidade o carisma que o Espírito Santo confia às Igrejas particulares — cada uma com sua fisionomia própria, com sua personalidade própria, com seu clima próprio, com seus problemas e desafios próprios, realmente Igrejas particulares dentro do grande contexto da Igreja universal — para o bem da Corpo Místico de Cristo. Aqui nos lembramos muito naturalmente da célebre alegoria paulina: na diversidade dos membros a unidade do corpo (cf. 1Cor 01-27) e que bem poderia ser melhor observada em todos os níveis de nossa Igreja. Se nosso carisma de bispos — em sentido exato serviço de amor que prestamos aos irmãos — for ideologizado, se tornar em valor supremo e absoluto, aí estamos nós tentando assumir toda a responsabilidade na Pastoral e na Diocese, aí estamos nós absorvendo a responsabilidade dos leigos e padres, aí estamos nós tomando conta de todos os aspectos pastorais, inclusive o que diz respeito a liberdade de atuar, não aceitamos nenhuma “divergência”, nenhuma opinião diferente da nossa, pretendemos aos poucos um monopólio insuportável e inaceitável, tanto do ponto de vista humano como teológico. Corremos, nós “autoridades” eclesiais, o risco de “dogmatizar”, isto é: de transformar em “dogma” todos os nossos gostos e todas as nossas orientações pastorais. A imagem do Papa “monarca absoluto”, do bispo “monarca absoluto”, do padre “monarca absoluto” ainda continua criando-nos dificuldades numerosas no exercício da nossa missão e do nosso serviço. Não nos admiremos se os leigos, quando assumem algum ministério, vão pelo mesmo caminho e se fazem também “monarcas absolutos”. Temos de rejeitar, certamente, uma democracia de Igreja que parte dos modelos políticos, mas não podemos deixar de aceitar um modelo de democracia que parte da “comunhão dos santos” e que se funda naquele indiscutível exemplo citado por S. Paulo no célebre hino cristológico (Fil 2,5-11): Jesus Cristo esvazia-se, despoja-se, faz-se homem humilhado até a morte e morte de cruz. Para a Igreja não serve o modelo político de democracia, está bem, mas muito menos serve o modelo político de monarquia absoluta.

12 — A Folha: Como decorreu o contacto com o S. Padre que, de certo modo, foi o ponto alto da visita “ad limina”?

— Dom Adriano: Cada bispo tinha direito a quinze minutos de audiência com o Papa. Lembro que em 1980 eram somente dez minutos. Pode ser que na próxima visita aumente o tempo. De fato quinze minutos quase obrigam a audiência a tornar-se mero formalismo. Tenho a impressão de que os meus quinze minutos foram bem aproveitados para expor sumariamente a situação de nossa diocese e seus problemas principais. Não sei se o meu relatório de 44 páginas que me custou várias semanas de trabalho e foi enviado em princípios de fevereiro, chegou ao S. Padre. Provavelmente recebeu um resumo. Tive no entanto o cuidado de eu mesmo preparar um relatório sucinto de seis páginas que entreguei pessoalmente ao Papa. Além disto deixei, a pedido dele, várias fotografias do Seminário Diocesano Paulo VI (que foi inaugurado no dia 03 de maio p.p.) e os dois mapas religiosos que mencionei anteriormente e que causaram funda impressão. Mas sobre a visita pessoal já falei acima: foi cordial, rica de conteúdo, compreensiva e humana. Em conjunto estivemos mais três vezes com o Papa: na concelebração, na audiência geral para todos os bispos do Regional Leste I e no almoço. A S. Missa concelebramos com o Papa e mais alguns presbíteros (levei nosso P. Mário Gonçalves que estuda Direito Canônico em Roma, para ensinar no Seminário). Algumas pessoas puderam assistir à S. Missa. Não nego que me alegrei em concelebrar com o Papa e meus irmãos bispos do

Regional Leste I, em Roma. Na verdade me sinto muito mais feliz quando celebro nas comunidades humildes e pobres, nas capelinhas simples e despojadas de nossa Baixada Fluminense. Creio que nenhuma experiência de celebração suntuosa e altamente regrada se compara, em humanidade, com as celebrações do Povo simples, às vezes bagunçadas se comparadas com o rigor litúrgico das normas oficiais, mas vivas e puras de todo formalismo. Assim me parece, salva a reverência. Depois da S. Missa que acompanhamos com cânticos em português, houve uma pausa e, em seguida, o S. Padre recebeu cada um de nós com um acompanhante. Às 12h30 o S. Padre recebeu-nos em audiência coletiva, fazendo-nos um belíssimo discurso. Ficamos na sala da audiência perto do gabinete do Papa onde tivemos a audiência particular e da Capela Matilde onde concelebramos. O Papa chegou alegre e alegre mostrou-se durante o tempo da audiência que constou essencialmente de um discurso relativamente longo, um discurso claro e surpreendente em vários aspectos. Este discurso será publicado, espero, também no caderno da coleção Cadernos de Nova Iguaçu que será consagrado à visita ad limina — 1986. Mas quero já agora ressaltar duas passagens do discurso papal. A primeira sobre os carismas e ministérios: “Como Pastores, guardiães da comunidade de fé e de caridade na Igreja, impõe-se-nos saber descobrir, fomentar e coordenar da melhor maneira os diversos ministérios e carismas com que o Senhor quer enriquecer o seu Povo” (nº 4). A segunda sobre os padres: “Sei que os senhores têm Sacerdotes muito bons, verdadeiro ‘dom de Deus à comunidade’. Ajudem-nos a encarar sobre este aspecto sua vida doada; a viver com disponibilidade e maturidade, o equilíbrio dos santos, entre as mil e uma solicitações do ministério para que se sentem poucos; a testemunharem sempre a própria especificidade de ‘tomados de entre os homens e constituídos a favor dos homens nas coisas respeitantes a Deus’ (Heb 5,1)” (nº 7).

13 — A Folha: E o almoço?

— Dom Adriano: Não me recordei mais dos pratos. Sei que tudo era simples. O Papa mostrava-se bem disposto e como já antes, na audiência comum, manifestava bom humor e muitas vezes acrescentava a uma palavra séria um comentário ameno e alegre. Creio que essa é uma das qualidades simpáticas da pessoa do Papa Wojtila. Isto apareceu também (esqueci-me de contar anteriormente) no encontro do Papa com todos os que participaram da Missa. Todos nos reunimos, comigo estava o P. Mário. O Papa depois de uma saudação geral dirigiu-se a cada um de nós. Chegando a mim, apresentei-lhe o P. Mário como padre da diocese de Nova Iguaçu e estudante de Direito Canônico em Roma. O Papa abraçou-o afetuosamente, “muito jovem...” “Direito Canônico...”, “professor do Seminário...”, “Nova Iguaçu...”, balançando a cabeça e sorrindo. Os retratos que foram então batidos mostram a afetuosidade e humanidade de João Paulo II. Uma coisa pitoresca: quando se afastou de nós dois, alguém disse qualquer coisa e o Papa respondeu com “isto é mais grande”. Como a atmosfera era descontraída eu, baixinho, disse, para ser ouvido: “maior”. João Paulo ouviu e corrigiu-se voltando-se ligeiramente para mim: “maior”. Digase de passagem que tanto na audiência particular, como na S. Missa, nesta saudação às pessoas presentes à celebração eucarística e no almoço, a língua do Papa foi sempre o português. Como alguém observasse que está falando bem, respondeu que foi aprendendo com os bispos brasileiros. Em 1980 João Paulo II falou também português. Ou pensava estar falando. Nos cinco anos fez notáveis progressos. Ressalto mais uma vez: foi traço característico desses poucos contactos a cordialidade, a simpatia e o bom humor do S. Padre. Combinando com o que disseram outros episcopa-

dos regionais, com o que o Papa falou aos representantes brasileiros no encontro de conclusão da visita ad limina, sua carta ao episcopado brasileiro reunido em Assembléia, em Itaici, não há nenhuma tensão entre os nossos bispos e a Santa Sé, como se afirmou. Creio que o que há é de um lado um episcopado intransigentemente fiel a Pedro mas ao mesmo tempo identificado com a sorte dolorosa do Povo de Deus; entre um episcopado que obedece a Roma mas quer também obedecer aos ditames de sua consciência. Daí certas aparências, somente aparências, que são desfeitas pelo comum amor a Jesus Cristo e à Igreja.

14 — A Folha: Dizem que os bispos do Regional Leste I não se entendem bem, que essas divergências marcaram a visita "ad limina". É verdade?

— Dom Adriano: É verdade. E respondo assim, sem rodeios, porque não posso imaginar um "Esprit de corps" (solidariedade grupal) matando a Verdade e a Caridade. Não servimos em nada a causa de Jesus Cristo e do Povo de Deus cultivando a duplicidade pessoal ou grupal, disfarçando e fingindo para mascarar a realidade. Há muitas divergências entre nós, digo-o com humildade e esperança. Mas de que espécie? Não há divergência nenhuma no que diz respeito à Fé comum: todos acreditamos em tudo o que a Igreja acredita. Todos acreditamos que Jesus Cristo é o único Salvador da humanidade. Todos acreditamos que Jesus Cristo é Homem e Deus. Todos acreditamos no mistério da SSma. Trindade. Basta repetir: todos acreditamos em todas as verdades de nossa Fé. Também todos consentimos nos pontos fundamentais da Moral. Basta pensar em nossa atitude unânime de rejeição ao divórcio, ao aborto, ao amor livre. Podia enumerar muitos e muitos pontos em que estamos de acordo. Em que dissentimos? É na Pastoral onde se mostram as divergências maiores. E isto a partir de um conceito parcialmente — repito parcialmente diferente — da Igreja. Somos marcados pela imagem histórica da Igreja. Olhemos por ex. (para me fazer compreendido) a Igreja encarnada no século 12 — o século de Inocêncio III e também de S. Francisco, de S. Antônio, de S. Clara, de S. Domingos. Inocêncio III foi o Papa mais poderoso da Igreja. Era um homem profundamente mundano, ébrio de poder e de dominação. Sentia-se superior a Imperadores e Reis. Tinha uma consciência ideológica de sua autoridade que não respeitava nenhum direito, nenhum limite, nenhuma obrigação moral. Nele se encarnava a Igreja-Poder absoluto, Poder-dominação de todo o mundo. De passagem, lembro que este Papa todo-poderoso compreendeu o mistério da missão de S. Francisco e o apoiou com entusiasmo... Se compararmos esta imagem de Igreja vivida e imposta por Inocêncio III com a mensagem de Jesus Cristo, o que descobriremos? Mas há outros aspectos menores no desenrolar da marcha da Igreja através dos tempos: a Igreja é muitas vezes compreendida como um grande quartel onde os valores supremos são a hierarquia e a disciplina; como uma grande empresa onde os valores supremos são a produtividade, a eficiência e o lucro; como um grande museu onde a preocupação suprema é ordenar objetos antigos e conservá-los contra toda a espécie de mudança ou de adaptação. Esses "modelos" de Igreja convivem e conviveram sempre. E conforme se aceitavam mais ou menos, conforme se conservam, conforme se abandonam mais ou menos, daí se originam divergências e contradições de ordem prática, de ordem pastoral. Cito alguns exemplos: um bispo tem determinada opinião sobre a Teologia da Libertação, acha que está impregnada de Marxismo, de Secularismo, de Heresia. Daí tira conseqüências: não permite que qualquer pro-

fessor que, na opinião dele, defende a Teologia da Libertação possa ensinar no seu seminário, possa pregar em sua diocese. Vai mais adiante: suspende-o do uso de ordens na diocese. Um bispo acha que na sua diocese só pode valer sua opinião sobre por ex. a campanha em prol da Constituinte; nenhuma outra vale. Em conseqüência disto: não admite que um padre ou leigo engajado assumira opinião diferente. Daí por que o adverte e, em caso de resistência, o priva de cargos oficiais. Os exemplos são os mais diversos. Deles e de outros não se conclui nada para divergência de Fé, mas para a divergência de estilo e de comportamento pastorais que no fundo provêm de uma imagem determinada de Igreja. Quero observar que divergências sempre haverá. Mas meu desejo será que essas divergências sejam iluminadas pelo Amor, pela Caridade pastoral e por isto não signifiquem escândalo para o Povo nem falta de respeito àqueles que pensam de outra maneira. Também devo acrescentar que cresce entre nós a consciência de que devemos procurar soluções para esses caos, em si menores, mas, pela publicidade, dolorosos, de nosso Regional Leste I. Também não deixo de recomendar aos fiéis que rezem por nós, porque não é leve o fardo da Igreja que nos é confiado em tempos e circunstâncias tão difíceis, tão complexos.

15 — A Folha: Da visita "ad limina" que perspectivas decorrem para a Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu?

— Dom Adriano: Parece-me que a visita "ad limina" de 1986 trouxe para todos os bispos a confirmação na Fé, na fidelidade ao Povo de Deus, na união profunda com Pedro, no esforço de procurarmos unidade maior e maior consenso no desempenho de nossa Pastoral. Precisamos rever nosso conceito de autoridade. Precisamos rever nosso conceito de Igreja. Precisamos rever nossa imagem de bispos. Quero crer que o S. Padre conhece bem claramente nossas dificuldades pastorais, nossos problemas de relacionamento pastoral (não humano, porque o relacionamento entre nós sempre foi bom) e espera de nós qualquer mudança para melhor. A visita "ad limina" confirmou, me parece, nosso esforço pastoral. Podemos caminhar com mais segurança e, se Deus quiser, com mais pressa. Temos de descobrir mais instrumentos de atuação pastoral. Devemos dar mais espaço aos leigos engajados que se sentem Igreja responsável e querem participar na atuação da Igreja tanto interna como externa. Os leigos clamam por uma formação mais profunda e mais ampla, para poderem corresponder à sua vocação missionária e apostólica na Igreja da Baixada Fluminense. Também me parece que a visita "ad limina" confirmou as linhas-mestras da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. De grande importância, creio eu, é a influência que as visitas "ad limina" dos bispos brasileiros em 1985 e 1986 causaram em Roma, no sentido de modificar para melhor a imagem que lá (segundo se diz) tinha o nosso episcopado. A visita "ad limina" aprofundou nosso sentimento de unidade, sem desconhecer a necessidade de aproveitarmos melhor os nossos carismas particulares de Povo brasileiro e de Baixada Fluminense. Resumindo: tenho certeza de que a visita "ad limina" teve muitas vantagens para minha atuação como bispo da Baixada e como coordenador geral da Pastoral de nossa diocese.

NI 19-05-86

Encerramento deste número: 23-06-86. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves, 60 (ou: Cx. Postal 77285), 26000 Nova Iguaçu, RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDARIO PASTORAL
JULHO 1986

- 01 r(09h00) Mensal de Pastoral, CF
- 05 r(09h00) CDioc. Just. e Paz, CF
- 06 r(14h30) Reg. Pastoral 3
- 08 r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
- r(19h00) Reg. Pastoral 4
- 11 r(19h30) Reg. Pastoral 1

- 15 r(09h00) mensal do clero, COR
- r(20h00) Reg. Pastoral 2
- 18 r(19h30) Reg. Pastoral 7
- 20 (17h00) S. Missa e Crisma, Santa Maria
- 21 Encerramento CEBS, Trindade GO
- 22 r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
- 25 r(19h30) Reg. Pastoral 5
- 26 r(14h00) Reg. Pastoral 6

CALENDARIO SOCIAL
JULHO 1986

- 01 n(1931) Salvador Saint-Martin dit Martinon CEFAL
- 02 v(1936) Maria Clara NSV, H
- v(1964) Pascoalina Paura NSV, H
- v(1964) Maria Eugênia NSV, H
- 05 o(1964) Eduardo Nealon CSSp, pP
- m(1974) Mons. Solano Dantas de Menezes, NI
- 07 n(1918) José do Carmo Marques
- o(1957) Nino Miraldi CEIAL, pSJOp
- 08 n(1932) A. M. Alexandrina V. dos Santos FSA P
- n(1943) Jacinto Miconi CEIAL, pM
- o(1962) Patrício Kelly CSSp, pCab/Mar
- 09 o(1961) Pascoal Grossi CRL, pNMesq.
- 10 o(1971) Cláudio Leterme CICM cR
- 11 n(1956) Fernanda Mendes Tavares MSSp, MCouto
- 12 n(1935) Maria da Imaculada Conceição OSCI.

- 13 o(1985) *Mauro Negretti Garcia OFM, vice-coord. Past. cNAp*
- 15 n(1939) Rosa Vos ICM, R
- 16 n(1936) Maria do Carmo Pires F. Barros MSSp, MCouto
- o(1983) Sérgio de Souza OFM, cN-Con
- 19 v(1949) Nomey pos Santos FC, Viga
- v(1965) Francisca Ribeiro Rodrigues FC, Viga
- 21 n(1942) Renato Chiera CEIAL, pMCouto
- 25 o(1954) Francisco Jerônimo da Silva
- 26 v(1928) Aureliana Paulo Santos FSA, P
- v(1937) Adélia de Silveira Pessoa FSA, P
- v(1946) Ana Venância Aguiar Frota FSA, P
- v(1947) Ana Cleonice Maria da Silva FSA, P
- v(1948) Carmélia Pereira FSA, P
- v(1954) Bernarda de Andrade Santos FSA, P
- v(1963) Imaculada Alves Ferreira FSA, P
- v(1968) A. M. Alexandrina V. dos Santos FSA, P
- o(1969) Marcos Ockerman CICM, pR
- 28 n(1904) Adélia de Silveira Pessoa FSA, P
- 31 n(1949) Sérgio de Souza OFM, cN-Con.